

GRAMSCI FILÓSOFO DA EDUCAÇÃO OU FILÓSOFO DA PRÁXIS? EXEMPLO DO PROCESSO DE INSTITUCIONALIZAÇÃO DA OBRA DE ANTONIO GRAMSCI NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA¹

Jaime de Oliveira Soares²

RESUMO:

O objetivo do presente texto é esboçar uma resenha crítica sobre um dos livros recém editados pelo Ministério da Educação do Brasil (MEC) por intermédio de sua nova coleção “Educadores” intitulado, “Antonio Gramsci” (MONASTA, 2010). A importância em levar à luz tal obra dá-se principalmente pela ampla distribuição da coleção nas bibliotecas públicas, escolares ou não, em todo o território nacional. Pensamos que os educadores brasileiros, já carentes de todos os meios possíveis na luta por uma educação que garanta um mínimo de qualidade no que se refere ao aprendizado da língua nacional e de sua história, devam participar e questionar se os educadores brasileiros temos que aceitar um material de formação do governo federal de forma passiva, ou devemos elaborar conjuntamente a nossa própria visão, debatendo e discutindo acerca da qualidade do parco material que o governo central nos oferece.

Palavras chave: Gramsci, educação brasileira, Coleção Educadores, gestão da educação

ABSTRACT:

The purpose of this paper is to outline a critique of a review of the books recently published by the Ministry of Education of Brazil (MEC) through its new collection "Educadores" titled, "Antonio Gramsci" (MONASTA, 2010). The importance to bring to light such work takes place mainly by the wide distribution of the collection in public libraries, school or not, throughout the national territory. We believe that Brazilian educators, already deprived of all means possible to fight for an education - at least - ensure a minimum quality when it comes to learning the national language and its history, should participate and if the Brazilian educators question we must accept a training material of the federal government passively, or should we labor together our own vision, debating and arguing about the quality of the meager material that the central government offers us.

Keywords: Gramsci, brazilian education, Educators Collection, management of education

1. Introdução

O objetivo do presente texto é esboçar uma resenha crítica sobre um dos livros recém editados pelo Ministério da Educação do Brasil (MEC) por intermédio de sua nova coleção

¹ Texto apresentado no IV Seminário Científico Internacional de Teoria Política do Socialismo – Antonio Gramsci: A periferia e os subalternos no dia 16/08/2011.

² Mestre pelo Programa de Pós-graduados em Ciências Sociais PUC-SP / Graduando em Pedagogia UNIFESP

“Educadores” intitulado, “Antonio Gramsci”³ (MONASTA,2010). A importância em levar à luz tal obra dá-se principalmente pela ampla distribuição da coleção nas bibliotecas públicas, escolares ou não, em todo o território nacional. Pensamos que os educadores brasileiros, já carentes de todos os meios possíveis na luta por uma educação que garanta um mínimo de qualidade no que se refere ao aprendizado da língua nacional e de sua história, devam participar e questionar se os educadores brasileiros temos que aceitar um material de formação do governo federal de forma passiva, ou devemos elaborar conjuntamente a nossa própria visão, debatendo e discutindo acerca da qualidade do parco material que o governo central nos oferece.

Vemos com bons olhos que uma nova coleção de livros acerca daqueles que pensaram e viveram as histórias da educação seja editada pelo MEC e pensamos que, como qualquer coleção de livros proporcionada pelo Estado brasileiro, é importante que nos ocupemos em estudar os conteúdos neles existentes, assim como a sua forma de construção e divulgação. Porém, a coleção aqui iluminada tem um algo a mais que nos interessa, uma especificidade em relação a boa parte das outras (que não são muitas) coleções de livros distribuídas gratuitamente pelos governos federais de nossa república.

Tal coleção de livros sobre educadores e pesquisadores da educação é direcionada a “professores e dirigentes da educação”⁴ e faz parte das atividades do MEC acerca da formação inicial e continuada de professores das redes públicas estaduais e municipais de educação. Isto é, faz parte de uma política educacional pública peculiar, em que o Estado se faz presente de forma mais hegemônica, produzindo materiais de orientação e direção de como se educar, sempre com uma forte marca dos últimos governos federais. Apresenta, a atual gestão do MEC, diferença fundamental das gestões anteriores, agora atuando não somente no repasse e controle de verbas ou produzindo parâmetros curriculares e programas compensatórios para os outros entes federativos, mas sim atuando amplamente, por meio da produção e divulgação de uma infinidade de títulos com ideias acerca do que é, e do que deveria ser o processo educativo.

³Publicado em:

http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/PesquisaObraForm.do?select_action=&co_autor=147251 Acessado em 10/07/2011.

⁴Segundo as palavras do atual Ministro de Estado da Cultura do Brasil, Fernando Haddad, na curta apresentação da coleção, em suas páginas iniciais, presente em todas os títulos da coleção “Educadores”.

São vários os aspectos que poderiam ser abordados acerca da coleção “Educadores”, o que pretendemos aqui é focar em uma obra apenas, mas que pensamos representar a forma como o MEC pensa a formação dos “professores e dirigentes da educação”. Trabalharemos, assim, dividindo nossa análise em três seções. Primeiramente levantamos informações acerca da coleção “Educadores” editada pela Fundação Joaquim Nabuco/MEC (utilizando sua editora Massangana). Procuramos brevemente apresentar e discutir suas características centrais, descrevendo como dá-se sua distribuição nas instituições de educação e cultura no território nacional, visto que há uma diferenciação em “kit’s” de acordo com o número de alunos no caso das escolas públicas. Buscamos também observar a diferenciação dos títulos, referentes sempre a um pensador da educação, para que se tenha uma ideia de sua abrangência e dissonâncias.

Salientamos que o processo de feitura de parte da coleção ocorreu em acordo com organismos internacionais que, após a queda do regime soviético (na ex-URSS), iniciaram uma grande releitura dos autores marxistas e socialistas, muitas vezes esterilizando os aspectos transformadores e revolucionários, como foi o caso da UNESCO/ONU em sua própria coleção de perfis acerca dos “pensadores da educação” por intermédio de seus periódicos acerca da educação. É de forma similar que o MEC parece repetir, não sem consciência e de forma até mais acentuada, tal procedimento ideológico internalizando aspectos neoliberais de se pensar a educação no Brasil.

Com altos recursos financeiros em vistas, devido à revinculação das receitas da união⁵, a presente gestão do Ministério da Educação projeta-se com o objetivo de tornar intelectuais orgânicos do partido no governo em lideranças político-partidárias capazes de conquistar as eleições para os cargos executivos majoritários de governos de entes federativos controlados por partidos a ele opostos. A rúbrica do ministro da educação Fernando Haddad em todas as obras, que na altura da feitura do presente texto já havia lançado sua pré-candidatura a prefeito da cidade de São Paulo – caminho quase que necessário ao Partido dos Trabalhadores e seus aliados a um assento no executivo, nunca antes atingido, do estado da federação do Brasil do mesmo nome – é evidente.

⁵ No ano de 2009 foi aprovado e sancionado a Emenda Constitucional nº 59 de 11/11/09 que revinculou as receitas da união referentes à educação e ampliou a obrigatoriedade de 4 a 17 anos. A desvinculação das receitas da união (famosa DRU) deu-se após a vinculação obrigatória colocada na Constituição Federativa do Brasil de 1988 e, é sempre bom lembrar, foi desconstruída por Emenda Constitucional no início de nossa recente república para pagar os juros da então exorbitante dívida externa brasileira.

Na segunda seção, buscamos debater a organização do exemplar da coleção “Educadores” intitulado “Antonio Gramsci” realizado por Paolo Nosella. Uma peculiaridade da organização do exemplar foi a confusão realizada por Nosella, ao aferir a Monasta textos que na realidade eram da sua própria lavra. Uma outra característica é a seleção das obras gramscianas, que restringem-se aos dois polos cronológicos da trajetória de produção dos textos de Antonio Gramsci (1891-1937). Apresentaremos os textos selecionados e apontaremos os problemas acerca de sua restrição.

Finalmente, na última seção, trabalharemos sobre o(s) ensaio(s) introdutório(s) que apresentam um perfil (ou dois) do comunista sardo⁶ de forma peculiar na obra em questão publicada pelo MEC, mas redigido originalmente para a UNESCO/ONU por Attilio Monasta e acrescido – confusamente, é bom reforçar – de parte de um artigo redigido posteriormente por Paolo Nosella.

2. Sobre a coleção

A coleção “Educadores” tem como ponto de partida a comissão técnica instituída pelo MEC ainda em 2006 exatamente para sua organização. Inicialmente a sua impressão e distribuição deveriam ter início ainda no ano de 2007 com o nome “Grandes Educadores no Brasil”⁷, o que ocorreu apenas na virada do biênio 2010/2011 com o nome atual.

Uma das características da coleção “Educadores” é a sua extensão, são 63 livros no total, 31 autores brasileiros e 30 não-brasileiros, somados ao livro índice e a um volume contendo os dois clássicos manifestos relacionados à educação brasileira (dos pioneiros de 1932 e dos educadores de 1959, ambos da lavra de Fernando de Azevedo). Nessa coleção-balaio há gatos de todas as cores, para se ter uma ideia cito alguns dos autores com alguma aproximação com o marxismo (ou com as lutas sociais) nela presentes: Florestan Fernandes, Darcy Ribeiro, Paulo Freire, Jose Martí, Lev Vygotsky, etc. Para ilustrar, poderíamos citar também outros importantes autores nela presentes: Gustavo Capanema, Heitor Villa-Lobos,

⁶ Antonio Gramsci nasceu na Sardenha, uma ilha com características então semelhantes ao sul da Itália.

⁷ Publicado em:

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=7583:colecacao-grandes-educadores-sera-distribuida-a-partir-de-abril&catid=211

Acessado em 10/07/2011.

Humberto Mauro, John Dewey, Maria Montessori.⁸

Uma outra característica importante é a forma de distribuição da coleção pelo MEC, que em escolas pequenas, até 50 alunos, receberá apenas 11 volumes, e nas escolas com até 200 alunos, receberá 21 volumes.⁹ O restante das escolas receberá a coleção completa, assim como as bibliotecas públicas e demais centros públicos ligados à Fundação Joaquim Nabuco e a outras instituições do governo federal. É importante salientar que o livro aqui em análise participa da distribuição “apenas” nas escolas com mais de 200 alunos (onde estudam a maioria dos alunos brasileiros).

Obviamente que defendemos que todos os títulos cheguem a todas as escolas, visto que o envio, catalogação e utilização da coleção é tão complexa e difícil quanto a impressão das obras, mas passemos ao problema de fundo acerca particularmente da não inclusão do livro “Antonio Gramsci” (MONASTA, 2010) para as pequenas escolas. Cabe aqui uma primeira pergunta: onde estão estas escolas com até 50, ou mesmo até 200 alunos, em nosso país? Predominantemente na área rural e nas pequenas cidades, assim como em distritos pequenos de cidades médias, o que nos leva a outras perguntas acerca da restrição de parte das obras exatamente para essas escolas.

A obra de Gramsci tem como um de seus elementos mais característicos a busca política por uma união da classe trabalhadora no início do século XX, seja ela proveniente do campo ou da cidade. O Caderno 12¹⁰ da obra carcerária gramsciana trabalha diretamente com o problema da organização dos intelectuais, desenvolvendo teoricamente a importância do papel destes para o movimento político de transformação social, tendo, inclusive, uma nota reservada para a “posição diversa dos intelectuais de tipo urbano e de tipo rural”. A própria relação de excertos do texto carcerário selecionado por Nosella para a obra aqui focada não deixa de fora tal debate ao reproduzir exatamente esta nota (MONASTA, 2010, p.100).

Ora, como pode a coleção retirar do estudante do campo, já cerceado de uma escola rural de qualidade – ademais da distância das escolas para as habitações, tanto de alunos como de trabalhadores da educação – exemplares de perfis de autores de extrema importância para o estudante e o profissional da educação do meio rural ampliarem seu autoconhecimento. Nós, portanto, pensamos necessário pontuar a importância existente dos textos políticos de

⁸ Ver anexo 1 e 2, com alista completa dos autores e sua distribuição pelos 3 “Kit’s” do governo federal.

⁹ Ver anexo 2, com a forma de distribuição dos “Kit’s” de acordo com o número de alunos por escola.

¹⁰ A obra carcerária gramsciana é manuscrita em cadernos fornecidos pelo sistema prisional italiano.

Gramsci acerca da questão meridional italiana já nos tempos dos periódicos de direção do PCd'I a partir de 1921, bem antes de seu encarceramento pelo regime fascista de Mussolini, sobre a dicotomia rural-urbano.¹¹

Gramsci é enfático acerca da necessidade de criar condições para que o meio rural, o campesinato, pudesse participar ativamente das decisões políticas nacionais de uma Itália em profunda transformação social e política. Ele defendia que o meio rural pudesse formar intelectuais que não apenas viessem a trabalhar futuramente para o Estado como medíocres funcionários nas repartições públicas das pequenas cidades do interior, mas sim que houvesse a possibilidade de que as escolas dos meios rurais viessem a produzir intelectuais organicamente articulados com a classe social em que haviam nascido. Para Gramsci isso somente poderia ocorrer quando esses intelectuais conseguissem pensar e agir nacionalmente, isto é, articulando-se com os intelectuais urbanos organicamente ligados aos trabalhadores industriais, e internacionalmente com o movimento comunista na luta pela emancipação política e humana da sociedade de então.

3. Organização do livro

A obra em questão, intitulada “Antonio Gramsci” (MONASTA, 2010) é organizada e traduzida, como indicado já na capa da obra, pelo autor ítalo-brasileiro Paolo Nosella¹². O volume contém um ensaio do autor italiano Attilio Monasta seguido de uma seleção de pequena parte da obra gramsciana, principalmente de sua juventude e dos Cadernos Especiais¹³, quase não trabalhando com textos ligados às atividades ligadas ao PCd'I durante os anos 1921 e 1926, época que abrange desde a fundação do partido até a prisão de Gramsci como deputado comunista eleito.

Inicialmente são transcritos por Nosella cinco textos jornalísticos redigidos por Gramsci em 1916, em plena guerra imperial, e um texto, também jornalístico de 1919. O artigo mais diretamente relacionado com o debate educacional é “Socialismo e cultura”

¹¹ O Partido Comunista da Itália (PCd'I) transforma-se em Partido Comunista Italiano (PCI) em 1943.

¹² Professor aposentado da Universidade Federal de São Carlos, e professor da UNINOVE em São Paulo. Ver Lattes em: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4783524P9>
Acessado em 10/07/11.

¹³ São os cadernos em que Gramsci elabora de forma mais sistemáticas alguns temas de análise.

(MONASTA, 2010, p.51), no qual muitos pesquisadores constantemente voltam-se para discutir a sua trajetória ideológica. Outro artigo importante de 1916 é “Homens ou máquinas?” (MONASTA, 2010, p.64), acerca da legislação educacional, em transformação na Itália de então, que diferenciava as formas de educar as antagônicas classes sociais. O único texto selecionado com data entre 1916 e 1932 é um texto de 1919, intitulado “A escola de cultura” (MONASTA, 2010, p.67) que contém análises iniciais sobre as primeiras experiências de fôlego de educação partidária realizadas por Gramsci e o Partido Socialista da Itália de então.

A maioria das páginas do livro, porém, é dedicada a excertos dos Cadernos Especiais 11 e 12 escritos no cárcere entre 1932 e 1935, ano este em que o autor parou de escrever devido a sua frágil saúde¹⁴. Os últimos textos selecionados por Nosella são algumas poucas cartas redigidas por Gramsci direcionadas para seus parentes, seguido de uma breve cronologia da vida do comunista sardo.¹⁵ Ao final do volume, também é exposto uma limitada bibliografia das obras sobre Gramsci, assim como das edições da obra gramsciana em português e italiano.

Antes, porém, de seguirmos a caracterização da organização da obra é fundamental realertarmos e apontarmos que há um erro sério na sua editoração. O que se tem realmente são dois ensaios distintos de dois autores diferentes, o que na obra é apresentado como uma só coisa, tanto no sumário como no correr do(s) ensaio(s) que procuram apresentar um perfil de Gramsci.

O ensaio-perfil introdutório da obra, de Attilio Monasta¹⁶, foi escolhido devido ao “Acordo de Cooperação Técnica MEC/UNESCO”, que proporcionou o uso do perfil dos autores estrangeiros transplantados da coleção da IBE/ONU¹⁷ para a coleção “Educadores” do MEC. O ensaio de Monasta, que constroi um perfil de Gramsci para a UNESCO a partir da sua publicação na revista “Perspectivas: revista trimestral de educação comparada”

¹⁴ A nomenclatura e numeração é do pesquisador e organizador da edição crítica de Gramsci de 1975, Valentino Gerratana.

¹⁵ Tanto nas cartas como na cronologia o nome da cidade esta digitado de forma errada, a cidade em que Gramsci estava prese é Turi, no sul da Itália, e não Turim (Torino em italiano), no norte, na capital da província do Piemonte.

¹⁶ Para a versão em língua espanhola ver: http://www.ibe.unesco.org/fileadmin/user_upload/archive/publications/ThinkersPdf/gramscif.pdf

Acessado em 10/07/11.

¹⁷ Sigla em inglês para Escritório Internacional de Educação da ONU.

(MONASTA, 1993a/1993b), é dividida em cinco partes tituladas, além de uma breve introdução. Curiosamente, no índice da obra aqui focada (MONASTA, 2010) são sete os títulos que ali aparecem. Os dois últimos títulos, sem nenhuma informação aparente do organizador da obra, não são de Monasta, mas redigidos pelo próprio organizador do volume, ou seja, Paolo Nosella.

Os dois últimos capítulos podem ser encontrados na segunda parte de um artigo publicado por Nosella em 1998 intitulado “Gramsci e os educadores brasileiros: um balanço crítico”¹⁸ (grifo nosso, pois o subtítulo é idêntico ao primeiro dos dois títulos das seções enxertadas no texto de Monasta). Tal artigo é redigido a partir de sua palestra um ano antes no “Seminário Internacional ‘Gramsci, 60 Anos Depois’”, promovido pelo Núcleo de Estudos Sociais do Conhecimento e da Educação (NESCE), na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora (MG), no dia 27 de novembro de 1997. Analisaremos na seção seguinte, ambos os ensaios, de ambos os autores.

4. O(s) ensaio(s) introdutório(s)

Trabalharemos agora os dois ensaios, como já visto anteriormente apresentados como um só, de forma mais direta. Uma primeira anotação que devemos fazer é lembrar das datas de publicação de ambos os ensaios, o mais antigo é publicado primeiramente em 1993 (MONASTA, 1993a/b), e o segundo o é em 1998 (NOSELLA, 1998). Ambos escrevem após a queda do regime soviético, o qual conjuntamente combateram ao longo de suas vidas e, em ambos os textos originais, há uma direta menção acerca de produzir uma leitura pretensamente neutra da obra do autor do Cadernos do Cárcere, ignorando ao máximo a existência e centralidade do comunismo de Gramsci. Para exemplificar a questão citamos parte do artigo de Nosella que foi suprimido no enxerto ao ensaio-perfil de Monasta:

Um depoimento não é um relatório científico. Porém, de um certo ponto de vista, é até algo mais vivo, mais aderente à realidade, ainda que impregnado de sabor subjetivo e de muitos traços pessoais. (NOSELLA, 1998, p.10)

E continua diretamente em seguida:

A primeira parte da exposição será centrada no relato de fatos, pessoais e gerais, que ajudam a entender como Gramsci entrou no campo da educação no Brasil; a segunda parte ensinará uma análise crítica da leitura que os educadores fizeram dos textos

¹⁸ Publicado em: <http://www.uneb.br/revistadafaeaba/files/2011/05/numero10.pdf> Acessado em 10/07/11.

gramscianos, destacando pontos positivos e negativos; finalmente, na conclusão, tentarei dizer como se deve ler Gramsci hoje, após a queda das Repúblicas Comunistas. (grifo nosso, NOSELLA, 1998, p.10)

Nosella, na primeira parte, chamada subjetiva, explica como deu-se sua aproximação com as obras de Gramsci, salientando a importância do “lado Humano” da obra gramsciana. Aproximação que ocorreu nos idos dos anos sessenta, isto é, nos chamados “anos de chumbo” em que viveu a Itália, tempos de polarização radical entre um eurocomunismo titubante e uma reação liberal-conservadora ostensiva que ainda clama por estudos mais vigorosos da parte dos estudiosos progressistas:

Em 1965, na Faculdade de Filosofia do Instituto “Aloisianum”, de Gallarate (VA), tive a oportunidade de conversar longa e profundamente com o Professor de Ética, o Pe. Jesuíta Giorgio Nardone, que na época estava escrevendo sua tese de doutorado sobre as cartas do cárcere de Gramsci. Seu objetivo específico era destacar “O Humano em Gramsci”, título do livro que, em seguida, foi publicado. O sensível professor jesuíta nutria muita simpatia por esse autor e, naturalmente, a transferiu para mim. Lia e comentava algumas cartas, enquanto me explicava quem era esse grande intelectual comunista, mártir da opressão fascista. (NOSELLA, 1998, p.11)

Para que não fique dúvidas acerca da posição de Nosella, citamos a passagem em que Nosella posiciona-se diretamente acerca de sua visão política e de sua relação com a obra gramsciana:

Um segundo pequeno fato que naqueles anos me marcou foi constatar que na região de Rovigo, em certas famílias camponesas, liam-se trechos das cartas de Gramsci antes da refeição. A família inteira, reunida e em silêncio, escutava uma breve leitura feita por um adulto. Para mim, que “militava” ideologicamente no lado oposto aos comunistas, aquele ritual comovente e humano, confirmava a visão que meu professor de Ética me passara: Gramsci era, antes de mais nada, uma personalidade profundamente humana, cujos valores e sentimentos (e não apenas os conceitos) representavam o que de melhor possuía a população italiana, para além das barreiras político partidárias. (grifo nosso, NOSELLA, 1998, p.11)

Bem, voltemos ao texto da obra aqui analisada seguindo-o como apresentado no índice, deixando para o momento devido a análise do artigo de Nosella. As cinco partes em que está dividido o ensaio-perfil de Monasta sobre a figura de Gramsci (intituladas, a saber: Aprendizagem política; Gramsci, um símbolo; Pedagogia de Gramsci; A filosofia da práxis; Nova estratégia educativa) é precedida por uma breve introdução que nos ajuda a compreender parte importante dos debates (e combates) acerca do obra gramsciana.

“A obra que deveria ter sido, segundo sua intenção inicial, uma análise crítica da história dos intelectuais italianos, acabou sendo uma profecia sobre o destino de sua

própria obra, de sua mensagem e da maneira como os outros o entenderam” (MONASTA, 2010, p.12)

Monasta inicia seu texto alegando existir uma verdadeira interpretação da obra gramsciana relacionada com a “intenção inicial” de estudar a história dos intelectuais italianos. A transformação de Gramsci em um “pensador da educação” e dos intelectuais, elevando-o acima de sua ação política como dirigente comunista e de sua atuação no movimento político de então é evidente. Aliás, a sua luta no movimento comunista nem sequer é mencionada na introdução de seu ensaio.

A separação entre o desenvolvimento cultural e a direção política de uma nação é apresentada por Monasta como a razão da separação entre os intelectuais (“cosmopolitas”) e o povo, definindo a educação como um campo em que cultura e política se confundiriam. Monasta apresenta o perfil de Gramsci como um tipo de pai da filosofia da educação moderna e “humana”, pressupondo que “o núcleo essencial da mensagem de Gramsci e a finalidade última de seus escritos são ‘educativos’, no sentido amplo e profundo do termo” (MONASTA, 2010, p.13).

Defende tal autor que por meio da comparação filológica das duas edições clássicas¹⁹ da obra gramsciana seria possível encontrar duas ideias muito distintas de gramsci²⁰. O autor defende que a primeira edição construiu um perfil de Gramsci como “uma importante figura intelectual, talvez como o homem multifacetado do Renascimento, que mesmo no cárcere preserva sua liberdade espiritual lendo, estudando e escrevendo para a posteridade; esse perfil deixava oculto sua característica principal” (Monasta, 2010, p.19). Em tom dogmático o autor pensa em um Gramsci “descubridor” da “verdadeira função intelectual” existente dentro das sociedades. Assim, para Monasta, a mensagem principal de Gramsci, contida em sua pedagogia:

“é que a organização da cultura é ‘organicamente’ ligada ao poder dominante. Os intelectuais não podem ser definidos pelo trabalho que fazem, mas pelo papel que desempenham na sociedade; essa função, de forma mais ou menos consciente, é sempre uma função de ‘liderar’ técnica e politicamente um grupo, quer o grupo dominante, quer o grupo que aspire a uma posição de dominação” (MONASTA, 2010, p.20)

¹⁹ Como sabemos, a primeira edição da obra carcerária de Gramsci foi organizada pelo PCI e se consensuou chamá-la “edição temática” devido aos temas em que foi dividida a obra. A melhor edição, chamada “crítica”, foi realizada a cura de Valentino Gerratana no ano de 1975.

²⁰ Tese defendida em sua obra “A educação traída: critérios para uma diferente avaliação global dos Cadernos do cárcere de Antonio Gramsci” de 1985 editado em Pisa pela Ed. Giardini.

Chegamos, enfim, ao ponto em que as duas seções da lavra de Nosella são enxertadas na obra de Monasta, seus títulos são iguais ao artigo original, apenas suprimida os dizeres “Segunda Parte” antes do primeiro título, a saber: *Uma análise crítica; Gramsci hoje*. Lembremos novamente que o “hoje” de Nosella remete à palestra ministrada no ano de 1997, há quase quinze anos. Infelizmente, devido ao limite imposto ao tamanho de resenhas, deixaremos para uma segunda oportunidade, e para pesquisadores mais experientes no assunto a última seção intitulada “Gramsci hoje” (MONASTA, 2010, p.40). O seu conteúdo é uma continuidade da discussão iniciada a seguir.

Nosella inicia a primeira seção²¹ questionando a “gramscimania” existente no Brasil nos anos 1980 acerca das leituras e debates da obra de Gramsci em contraste com o “esquecimento” do autor na Itália. Salienta o papel de “pedagogo” de Gramsci frente aos educadores brasileiros pós-ditadura, que, ainda segundo sua opinião, viam no autor um “marxista moderno” que encontrava na “guerra do posição” uma superioridade a “guerra de movimento” característica da revolução soviética. Não explica, porém, que a superioridade dá-se de acordo com a realidade específica dos anos 1980, ou mesmo da Europa Ocidental do início do século XX, vivido por Gramsci. Não afirma o comunista sardo que essa relação é necessariamente de superioridade de uma forma de “guerra” sobre a outra, independente da ordem entre elas, mas sim que realidades diferentes obrigam o intelectual orgânico da classe trabalhadora a articular da melhor forma, da mais produtiva possível, as formas de ação (ataque e defesa, para ficarmos na nomenclatura guerresca) para a transformação social que culminasse na extinção das classes sociais. Nosella caracteriza, porém, de forma sobria a visão que compartilhava com boa parte dos educadores dos anos de 1980 no Brasil acerca da obra gramsciana, em suas palavras:

Os pedagogos brasileiros encontraram em Gramsci o que precisavam: seriedade e prestígio teórico, valorização de uma concepção pedagógica que superasse tanto o velho marxismo ortodoxo quanto o tradicional didaticismo técnico. Os textos de Gramsci davam suporte teórico à visão dos educadores brasileiros daqueles anos, segundo a qual a escola não se explica por ela mesma, mas pela sua relação com a sociedade, com a economia e com a política. (MONASTA, 2010, p.34)

Focando a escola como lugar preferencial, senão único, da pedagogia e da educação, isto é, a escola como um reflexo da sociedade e não um fim e si mesmo, Nosella propõe a transição entre duas concepções de escola. Uma como brandado pelos que defendiam a

²¹ Ademais de ser o mesmo texto que Nosella reproduz aqui de forma equivocada, há apenas pequenas alterações no formato do texto, quando as alterações excederem o primeiro texto avisaremos.

didática (técnica) como elemento essencial de uma “escola teylorista”, mas com um processo de produção alienada pelos alunos, assim como as fábricas capitalistas; e outra como uma escola que manteria o equilíbrio social, adaptando as necessidades do capital à uma formação humana que conteria os seus excessos. Para Nosella, os textos gramscianos teriam um papel fundamental na consolidação desta última concepção no Brasil após a última ditadura brasileira, em suas palavras:

Enfim, os textos de Gramsci arejaram nossa filosofia da educação que definitivamente incorporou a ideia de que a escola não se explica por ela própria e sim pela relação que mantém com a sociedade. (MONASTA, 2010, p.36)

Essa ideia, supostamente contida na obra do comunista sardo, não fora antes identificada devido às restrições de interpretação de sua obra. Ao defender o “historicismo” de Gramsci, Nosella faz uma breve apresentação da negatividade com a qual tal terminologia foi recebida no Brasil, afirmando que o historicismo radical de Gramsci é uma de suas características centrais. Porém, pensamos que tal interpretação seria uma forma de alcançar o “humanismo” queimando etapas, independente de um combate político necessário, se nos mantivermos dentro da proposta marxista e gramsciana. Propõe a ideia de que o “historicismo de Gramsci é um humanismo laico radical” (MONASTA, 2010, p.37).

Ao findar tal seção Nosella faz uma afirmação que pensamos útil para reabrir um debate sempre ácido na historiografia da obra gramsciana:

Finalmente, não foi possível perceber, pela ótica do a-historicismo, que a história continuaria no cárcere e que a ruptura de Gramsci com o Partido Comunista, iniciada em 1926, se aprofundaria em 1939²². Tal mudança está refletida, veladamente, mas insofismável, nas páginas dos Cadernos e das Cartas redigidas depois desse ano. (MONASTA, 2010, p.40)

Segundo um dos autores que trabalha a bagagem gramsciana pela perspectiva do pensamento marxista, do qual bebia Gramsci, Marcos Del Roio, contrariamente a citação anterior, afirma a continuidade do comunista sardo à luta do PCd'I até a sua morte em 1937. Para Del Roio, um dos aspectos centrais da obra gramsciana deve ser buscada na ideia do trabalho como elemento central para o processo de auto-educação do trabalhador:

“Gramsci tratou de desenvolver uma teoria e uma prática política que tinham no problema de educação um elemento constitutivo essencial. Até a sua prisão, em 1926, Gramsci passou por três diferentes momentos de elaboração dessa questão. Um primeiro momento no qual ele dá prioridade à prisão, ao antagonismo e à auto-

²² Gramsci morreu em 1937.

atividade dos trabalhadores diante do capital, no próprio cerne do processo produtivo capitalista. Educação, então, confunde-se com auto-educação. O momento que se segue é o da necessidade de se educar o Partido Comunista, recém-fundado, particularmente a sua direção. O terceiro momento é pensado como necessidade de se educar o educador das massas, reflexão que aparece no seu papel de dirigente principal do Partido Comunista Italiano (PCI).” (DEL ROIO, 2006, p.311)²³

Del Roio reconstrói a trajetória do comunista sardo, acompanhando as diversas fases do seu desenvolvimento político, buscando uma centralidade na luta política, nas práticas vividas por Gramsci, em que a perspectiva revolucionária apresenta-se constantemente na sua obra, desde seus primeiros textos de juventude até seus textos carcerários, mas, principalmente, passando pelos textos partidários pré-carcerários. É exatamente nesse momento de sua vida e obra que Gramsci desenvolve as características centrais de sua identidade política, o que é suprimido na apresentação da obra aqui diretamente analisada e resenhada (MONASTA, 2010).

Segundo Joseph A. Buttigieg (2003), no seu celebre artigo sobre as ideias de hegemonia e educação, a atividade jornalística e política de Gramsci estava animada, antes e acima de tudo, pela convicção profunda de que a tarefa mais urgente do movimento socialista tinha natureza cultural e educacional. Utilizando diretamente suas palavras:

As classes subordinadas precisavam se libertar da sua dependência dos intelectuais burgueses, de modo que pudessem desenvolver e disseminar sua própria cultura (ou, como Gramsci frequentemente preferia dizer, elaborar a sua própria concepção de mundo e da vida). (BUTTIGIEG, 2003, p.43)

Buttigieg salienta o lado positivo e negativo com o qual Gramsci equacionava a questão educacional. No seu lado positivo, o comunista sardo “sublinhava a obtenção de autoconhecimento (daí a necessidade de reflexão) e autodisciplina, o estudo da história e dos ‘outros’ e o cultivo do espírito crítico” (BUTTIGIEG, 2003, p.44). Diferentemente de Nosella e Monasta, a proposta de conhecimento do “outro” direciona-se diretamente contra a classe burguesa, procurando ao máximo conhecê-la minuciosamente, assim como o ambiente econômico que sustenta a sua hegemonia sobre outros grupos e classes. Voltemos às suas palavras:

Isto porque os *Cadernos* são, numa medida ampla, o registro de uma extensa investigação destinada a “conhecer os outros” – em primeiro lugar, a burguesia -,

²³ O artigo de Del Roio é fundamentado em sua livre-docência, como ele mesmo afirma na nota de rodapé inicial, que aqui reproduzo: “Este texto está fundamentado no livro *Os prismas de Gramsci: a fórmula política da frente única (1919-1926)*. São Paulo: Xamã; IAP; FAPESP, 2005. O tema da relação entre intelectuais e massa ou educador e educando é ali tratado de maneira transversal.” (DEL ROIO, 2006, p.311)

através de um exame de sua história desde o período das comunas medievais até a era fascista, bem como uma análise minuciosa das instituições e atividades por meio das quais estes “outros” construíram e sustentaram sua civilização hegemônica” (BUTTIGIEG, 2003, p.44)

São vários os aspectos a serem ainda estudados acerca da coleção “Educadores” do MEC, assim como do volume dedicado ao comunista sardo Antonio Gramsci, o que tentamos aqui foi, unicamente, dar um pontapé no debate.

5. Bibliografia

BUTTIGIEG, Joseph A. Educação e hegemonia. In **Ler Gramsci, entender a realidade**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2003.

DEL ROIO, Marcos. *Gramsci e a educação do educador*. In **Cadernos Cedes**, Campinas, vol. 26, n. 70, p. 311-328, set./dez. 2006.

MONASTA, Attilio. **Antonio Gramsci**. Fundação Joaquim Nabuco/Ed. Massangana: Recife, 2010.

MONASTA, Attilio. *Antonio Gramsci*. In **Perspectives: revue trimestrielle d'éducation comparée**. Paris, UNESCO: Bureau international d'éducation, vol. XXIII, n° 3-4, Paris, 1993a, págs. 613-629.

MONASTA, Attilio. *Antonio Gramsci*. In **Perspectivas: revista trimestral de educación comparada**. Paris, UNESCO: Oficina Internacional de Educacion, vol. XXIII, nos 3-4, 1993b, págs. 633-649.

NOSELLA, Paolo. Gramsci e os educadores brasileiros: um balanço crítico. in **Revista da FAEEBA**, Salvador, n° 10, jul./dez. 1998.

Anexo 1: Títulos por Kit

Título / Material			
Manifesto dos Educadores, Henri Wallon, Jean Piaget, Lev Vygotsky, Anísio Teixeira, Cecília Meirelles, Fernando de Azevedo, Helena Antipoff, Lourenço Filho, Paulo Freire, Valnir Chagas	KIT 1 11 Exemplares	KIT 2 21 Exemplares	KIT 3 63 Exemplares
Bogdan Suchodolski, Carl Rogers, Édouard Claparède, Friedrich Fröbel, Johann Pestalozzi, Maria Montessori, Alceu Amoroso Lima, Darcy Ribeiro, Florestan Fernandes, Almeida Júnior			
Alfred Binet, Andrés Bello, Anton Makarenko, Antonio Gramsci, Burrhus Skinner, Célestin Freinet, Domingo Sarmiento, Émile Durkheim, Friedrich Hegel, Georg Kerschensteiner, Ivan Illich, Jan Amos Comênio, Jean-Jacques Rousseau, Jean-Ovide Decroly, Johann Friedrich Herbart, José Martí, Ortega y Gasset, Pedro Varela, Roger Cousinet, Sigmund Freud, Aparecida Joly Gouveia, Armanda Álvaro Alberto, Azeredo Coutinho, Bertha Lutz, Celso Suckow da Fonseca, Dumerval Trigueiro, Frota Pessoa, Gilberto Freyre, Gustavo Capanema, Heitor Villa-Lobos, Humberto Mauro, José Maria Pires Azanha, Júlio de Mesquita, Manoel Bomfim, Manuel da Nóbrega, Roquette Pinto, Rui Barbosa, Sampaio Dória, Nísia Floresta, Paschoal Lemme			

Anexo 2: Distribuição dos Kits

Entidades	Quantidades		
	Beneficiários	Acervos	Títulos
Escolas públicas com alunado do ensino fundamental e/ou ensino médio	53.818 escolas de 1 a 50 alunos	1 acervo	11 livros
	30.961 escolas de 51 a 200 alunos	1 acervo	21 livros
	26.539 escolas de 201 a 500 alunos	1 acervo	63 livros
	24.639 com mais de 500 alunos	2 acervos	63 livros
Ministério da Educação	2.500 Unidades do Ministério e Órgãos federais	1.700 acervos	63 livros
		300 acervos	21 livros
		500 acervos	11 livros
Secretarias Estaduais de Educação	27 Instituições	3 acervos	63 livros
Secretarias de Educação dos Municípios das Capitais	26 Instituições	3 acervos	63 livros
Secretarias Municipais de Educação	5.538 Instituições	1 acervo	63 livros
Bibliotecas Públicas e Faculdades Federais de Educação	7.000 Instituições	1 acervo	63 livros
Fundação Joaquim Nabuco	100 Unidades da Fundação	1 acervo	63 livros